

**MELISSA MIGUELES PANTZUTTI
VILMA CAMPOS DOS SANTOS LEITE**

ENTRE A PERFORMANCE E A ÉTICA DO CUIDADO: IMPLANTAÇÃO DO PIAPI, UM PROGRAMA DE POLÍTICA PÚBLICA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA

Resumo

>

O texto a seguir apresenta a implantação do programa público de iniciação artística para primeira infância na Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, Brasil: o PIAPI (Programa de Iniciação Artística para a Primeira Infância) – 2021/2022. Enfocamos reflexões e narrativas sobre a relação de pertencimento do espaço público na composição estética em que a presença de corpos apresenta influências de ações de caráter performativo em diálogo com a educação somática.

Palavras-chave:

Primeira infância. Ação Performativa.
Educação Somática.

ENTRE A PERFORMANCE E A ÉTICA DO CUIDADO: IMPLANTAÇÃO DO PIAPI, UM PROGRAMA DE POLÍTICA PÚBLICA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA

MELISSA MIQUELES PANZUTTI¹

VILMA CAMPOS DOS SANTOS LEITE²

¹ Desenvolve pesquisa em Educação Somática há mais de 15 anos. É professora da Escola Viva desde 2018. Ministra aulas e coordena projetos artísticos pedagógicos. Implanta e coordena projetos de Iniciação Artística na Prefeitura de São Paulo. É coordenadora pedagógica no Programa para Primeira infância no Núcleo de Formação da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo. Graduada em Artes Cênicas pela USP e Mestre pela UNICAMP – com pesquisa em Arte da Cena em Teatro, Dança e Performance, também estudou na École Philippe Gaulier na França. ORCID: 0000-0002-9639-5726. Email: melpanzutti@gmail.com

² Professora aposentada na área de Pedagogia do Teatro no curso de graduação em Teatro da (UFU - Universidade Federal de Uberlândia - MG), colaboradora do Mestrado Profissional e Acadêmico da mesma instituição. Pós-doutora em Artes da Cena no IA/UNICAMP, sob a supervisão de Suzi Frankl Sperber, bolsista PNPd-CAPES, com missão de trabalho em Toronto - Canadá. Doutora em História com bolsa sandwich no Instituto Superior de Artes (ISA) Havana/Cuba pela CAPES. Mestrado na linha de pesquisa Pedagogia do Teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com especialização em Educação pela PUC. ORCID: 0000-0002-8440-8817. Email: leitevilma2008@hotmail.com

Introdução

Nestas linhas, apresentamos histórias de pessoas e de espaços públicos da cidade de São Paulo, que se apresentam como fragmentos de narrativas que destacam a importância de uma política cultural e pública para a primeira infância. Na primeira parte, relatamos o histórico desta política pública artística para crianças de zero a seis anos neste município. Na segunda parte, comentamos procedimentos artísticos que puderam emergir num diálogo entre a educação somática³ no que se refere a prática do sensível, somada à potência de ações performativas como procedimentos pedagógicos. O foco da reflexão proposta está na importância de se criar ambientes favoráveis à construção poética por meio de procedimentos performativos, que criem diálogos tônicos⁴, com as crianças e com os acompanhantes. É o início da busca pelo modo como se compõem as ações de ocupação e a comunicação estética nos territórios periféricos

³ Sylvie Fortin (1999) apresenta um apanhado abrangente sobre os estudos atuais da educação somática e apresenta a definição de Thomas Hanna: “a arte e a ciência de um processo relacional interno entre consciência, o biológico e o meio ambiente, estes três fatores sendo vistos como um todo agindo em sinergia.” Segundo Fortin, existe mais de uma corrente chamada de educação somática: utilizamos como recorte a prática corporal com ênfase no estudo do movimento em que as estruturas orgânicas não estão separadas de sua história vibracional, imaginária e simbólica.

⁴ “Diálogo tônico”, aqui, corresponde a um exercício de variação do tônus corporal, entre tensão e relaxamento, nas múltiplas situações possíveis de experiência da criança, compreendendo um espaço relacional que existe na percepção que se dá entre o indivíduo e si mesmo, e entre o indivíduo e um outro (espaço ou outro corpo), sendo, portanto, uma interação corporal particular de si com o entorno.

de uma cidade como São Paulo por meio do PIAPI (Programa de Iniciação Artística para a Primeira Infância), e também pelo modo como os enunciados permeiam e convidam os corpos para ações micropolíticas⁵.

Entendemos performatividade, enquanto uma ação pensada em relação a um contexto, ou seja, a força da performance é: “turbinar a relação do cidadão com a polis, do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, e consigo”. (FABIÃO, 2009, p. 237). Somado à perspectiva trazida por Feral (2009), enquanto fazer ou estar presente, a performatividade é um acontecimento, assumindo o risco dessa presentificação cênica e estética. A autora nos auxilia a perceber nossos enunciados enquanto uma moldura subjetiva que convida diretamente famílias e crianças do programa para que entrem ou não numa proposta de experiência. O enunciado enquanto moldura por vezes se apresenta de modo explícito numa proposta direcionada, por outras, de modo tácito numa instalação. Este é o ponto que nos interessa: afirmar a potência do encontro em que a experiência entre os artistas que conduzem a ação e os participantes apresenta-se numa abundância de signos. Há uma polifonia de referências estéticas capazes de gerar um espaço afetivo para acolher uma exposição verdadeira, em envolvimento com os desdobramentos da própria percepção singular diante do acontecimento.

Salientamos dois aspectos recorrentes e constantes que observamos nestes encontros do Programa. Primeiramente, a ética do cuidado que, segundo Winnicott, é fundamental à existência humana, pois no decurso do nosso amadurecimento nos preserva enquanto seres saudáveis e sociais. Para a psicanálise (contexto em que está inserido o autor), a ética do cuidado é um conceito que perpassa áreas profundas do conhecimento humano como a própria filosofia, mas aqui a destacamos enquanto prática e saber. (ZIMMERMANN; CHUNG-SAURA, 2020). O segundo aspecto é o da experimentação estética de crianças de 0 a 6 anos, como sen-

do um ato de responsabilidade de toda a sociedade não restrito somente à mãe, ao educador ou à família.

O começo do começo

O caminho histórico de conquista do lugar da criança como sujeito de direitos dentro da sociedade vem sendo construído e ainda apresenta grandes lacunas. Seu início se deu com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA de 1990), seguindo a uma série de comprometimentos do Estado e da sociedade civil em relação aos miúdos. Uma política municipal de atendimento aos direitos da criança e do adolescente nasceu em São Paulo em 1991, dispondo recursos orçamentários e espaços públicos para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude. Esse é um exemplo de como, mesmo a passos lentos, a infância ganhou pauta em políticas públicas no país.

Essa luta constante passa pela importante resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA)⁶, que dispõe sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Essas garantias, mesmo depois de legisladas, demoram um tempo para serem efetivadas e assimiladas pela população. Assim, o que ocorreu de fato foi um fortalecimento do ECA e a construção de um Plano Nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária em 2006. Depois dessa vitória, foi apenas em 2014 que o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Município de São Paulo – CMDCA/SP normatizou o manual de procedimentos da ação conselheira e propõe eventuais alterações legislativas necessárias ao desenvolvimento do atendimento à Criança e ao Adolescente. É a partir delas que o Conselheiro Tutelar tornou-se agente público investido de mandato concedido pela comunidade, com autonomia para o exercício das suas atribuições, definidas pelo ECA.

⁵ “Micropolítica” trata-se do modo como se organizam as relações de poder em suas tensões e forças sobre a perspectiva de compreensão da realidade. Pode-se fazer um recorte para compreender cada corpo, cada saber, e dimensionar as dinâmicas particulares que compõem as relações envolvidas em sua constituição, na medida que essas produzem realidades e afetamentos.

⁶ A resolução nº 113 de 19 de Abril de 2006.

Em 2016 aconteceu o Marco legal para a primeira infância⁷, no qual a União assume a responsabilidade de atuar nacionalmente, em conjunto com estados e municípios numa abordagem multi e intersetorial no atendimento aos direitos e da criança na primeira infância, oferecendo assistência técnica para a criação de um plano para primeira infância. Dentro desse contexto favorável, em 2017, as diretrizes nacionais para o atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua desencadeiam, no âmbito municipal, a conquista da Lei Municipal para a Primeira Infância, gerando, em 2018, a configuração do plano municipal para a primeira infância e, já em 2021, o Plano Estadual para Primeira Infância.

É evidente a necessidade da constituição de uma cultura do cuidado para a primeira infância, pois existe uma ausência de atividades culturais no âmbito público que atendam a essa demanda, ausência essa que muitas vezes invisibiliza a primeira infância. Sabemos também que, em âmbito geral, as pessoas que ocupam esse papel de cuidado solitário, de sensibilização cultural e artística são, em sua maioria, mulheres e mães. Mesmo com a formalização institucional, que assumem legislativamente o papel do Estado nesse cuidado, a sociedade, patriarcal, ainda carece de um processo formativo de amadurecimento e apropriação. É recente, por exemplo, a conquista de raros espaços públicos com banheiros, espaço de maternagem e trocadores com acesso para homens. Essas resoluções, decretos na implantação dessas políticas voltadas para primeira infância e, propriamente, sua execução de fato, demoraram décadas para se realizarem e seguem precisando da conscientização de toda a sociedade, fortalecendo-as e tornando-as mais efetivas. Isto é, a população precisa incluir os miúdos nos espaços de convivência; os espaços públicos precisam acolher de forma segura e garantir o ir e vir dessas famílias. É necessário reconhecer que a ausência de projetos estéticos, arquitetônicos e culturais da cidade acarreta principalmente a exclusão de mulheres. A ausência de uma cultura para primeira infância reforça a invisibilidade do cuidado em

detrimento da produtividade, marcando a forte imposição do patriarcado sobre o papel da mulher na sociedade e na formação de futuros.

Para essa inclusão dos miúdos, seria mais do que urgente a implantação de uma ética do cuidado para além do gênero feminino e de quem está familiarmente mais próximo. Vale destacar que o termo refere-se à importância do cuidado no sentido de amparar a manutenção e o desenvolvimento da espécie humana, cultivando a próxima geração. Embora ao longo da história as abordagens sobre a ética do cuidado apontem uma variação da noção do cuidado enquanto referência mitológica, psicológica e filosófica, o que nos remete a esse conceito é a influência da ética e do comportamento moral dos envolvidos nesse entendimento. Não podemos descartar a significação mais ampla, que, de todo modo interfere no cotidiano, da falta “do cuidado” como uma ausência ética. O cuidado vem na contramão do pensamento racionalista e suas derivações, que impedem a compreensão dos indivíduos uns com os outros e a coletivização da responsabilidade pelo cuidado para com a primeira infância. Presume-se, portanto, assumir a quebra de um grande paradigma social. O cuidado deve ser coletivo, não só dos pais. Muito menos só da mulher.

Dentro desse contexto de luta, de afirmação e de demanda, nasceu o programa, com uma proposta específica para lidar com problemáticas múltiplas, que apesar de se amparar no fazer artístico e práticas sensíveis enfrenta diariamente a perspectiva de uma formação cultural da sociedade, dos espaços de cultura, dos familiares e não só apenas dos miúdos. Numa abordagem feminista, o cuidado inclui empatia, emoções e análise contextual dos dilemas éticos (MISSAGGIA, 2020).

O PIAPI... A chegada do Programa de iniciação artística para a primeira infância

O programa se apresenta com um formato semelhante a outros programas de política pública do município de São Paulo como o Programa Vocacional que garante a experimentação artística de adolescentes e adultos nos espaços cul-

⁷ Disponível em: <https://issuu.com/fmcsv/docs/marco-legal-da-primeira-infancia/1?ff&e=3034920/64452326>.

turais da cidade. O PIAPI é inspirado na EMIA – Escola Municipal de Iniciação Artística, que conta mais de 40 anos promovendo um trabalho singular voltado para a arte da infância. E também a partir da experiência do PIÁ – Programa de Iniciação Artística, que surgiu como expansão da EMIA e que há 13 anos atua de forma descentralizada na formação cultural das infâncias para crianças de 5 a 14 anos. Esses programas apresentam uma característica em comum: apesar de acontecerem sazonalmente, durante 8 a 11 meses de cada ano, eles mantiveram sua constância e atravessaram as instâncias políticas mantendo-se vivos mesmo com a alternância de diferentes gestões e partidos políticos na prefeitura. Essa longa trajetória marca um formato em que os territórios periféricos e o centro convergem no usufruir da arte, trazendo a máxima de que o centro da cultura está em todo lugar⁸. Nesses programas, destacamos que há a presença de artistas como educadores, com reuniões pedagógicas constantes e semanais que articulam as ações artísticas em diálogo com a comunidade, além de equipes formadas por artistas plurais (teatro, dança, literatura, circo, música e das artes visuais) interagindo com a presença de coordenadores pedagógicos e articuladores territoriais. Eles trazem a pesquisa artística como importante modo de operação para reconhecer o meio e modo de produção poética do fazer artístico nas comunidades, das periferias e sublinhando a cultura de cada território, manifestando seu pertencimento e reconhecimento dos fazeres e saberes dos territórios e suas próprias produções subjetivas. Há uma ação afirmativa no que se refere à contratação dos profissionais e ao acesso das pessoas atendidas no programa. A importância desse pertencimento não se vê só no acesso, mas torna-se presença, numa busca por equidade racial e social, marcando o cuidado com a representatividade. Na inscrição das crianças, há prioridade nas vagas para negros e indígenas e a condição social é levada em consideração. No caso dos artistas contratados como educadores também há uma contratação de 56 % da equipe composta por negros e indígenas e também de contratação de pessoas com deficiência.

⁸ No ano de 2022 os contratos da EMIA, por ser uma Escola Municipal, passam a acontecer de forma continuada através da licitação em parceria com uma Organização da Sociedade Civil.

A parte da história apresentada até aqui é apenas o prólogo, que contextualiza o momento histórico e cultural em que se passa essa epopeia sobre miudezas, com requinte de encantamento e euforia. Serve também para dimensionar a importância da luta por uma política pública cultural para primeira infância, que nasce num contexto de grande evidência de sua necessidade, e de uma demanda absurdamente carente por suporte. Cabe ressaltar que a implantação do programa em novembro de 2021 se deu no contexto pandêmico e que, na ocasião, apenas os adultos dispunham da vacina. No atendimento às famílias apareceram crianças que estavam em isolamento social e, muitas vezes, não tiveram nenhum ou quase nenhum contato com outras crianças. Nessa dinâmica afetiva, ressaltamos como foi emocionante a implantação do programa, quando nossa sensibilidade estava extremamente carente de contato. Os protocolos de segurança se faziam necessários, e os medos, o cuidado e a prudência, geraram encontros extremamente potentes, às vezes excitantes e de muito acalento. Era inacreditável que isso pudesse estar acontecendo diante dos nossos olhos. Em muitos momentos dos encontros, víamos nos rostos dos adultos, atrás das máscaras, os olhos brilhando marejados de alegria, diante da beleza e potência em que estávamos imersos.

Histórias sobre encantamento

Seja no projeto Piloto de novembro a dezembro de 2021, seja na Edição de 2022 iniciada em maio, o PIAPI vem lidando diariamente com problemas estruturais dos quais seguiremos tratando. Muitas vezes, não está em nossa alçada solucioná-los, mas tampouco devemos ignorá-los, fingir que não existem. Para criar uma criança, é preciso uma aldeia; a responsabilidade pela criança é de toda a aldeia. Entendemos que, no nosso contexto, é necessário convocar a aldeia a essa responsabilidade, pois, no universo produtivista, capitalista, machista, misógino e racista, a responsabilidade de cuidar da criança recai apenas sobre a mãe.

A dimensão do problema é grande, mas precisamos lidar com ele agora. Ailton Krenak,

escritor e liderança indígena, faz provocações contundentes ao evidenciar nosso comportamento inconsequente e desrespeitoso diante da mãe terra. Somado a isso diz “ a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2019 , p. 13) De todas as suas provocações, tomamos como responsabilidade nossa a proposta de contar no mínimo mais uma história para adiar o fim do mundo. Ei-la aqui, num enredo entre o real e o ideal, nesse tempo e contexto do PIAPI, num encontro para café na hora do pôr do sol, entre histórias que passam pelas infâncias periféricas de São Paulo. Antes do fim do mundo, queremos contar essa história:

Primeiro Café

A história de uma mãe que, no seu puerpério sombrio e solitário, com a coragem de uma mulher recém parida, sai em busca de uma rede de apoio. Está atrás de um amparo, um ombro, no desejo de colocar seu filho num chão seguro para se exercitar nos meandros da gravidade. No desejo de que, a partir dessa exploração, ele, na ânsia pela horizontalidade, chegue à conquista de ser caminhante. Que possa ele explorar, pela sua própria curiosidade, o mundo externo e se reconhecer, por fim, um ser distinto de sua mãe.

Nossos encontros com crianças bem miudinhas se configuram como ninhos de acolhimento, com quatro artistas brincantes, recebendo famílias e seus filhos num ambiente de experimentação poética realizado dentro de espaços como Casas de Cultura, Bibliotecas, Teatros e outros equipamentos municipais. Ocorre-nos transgredir o plano do conceito poético e descrever os encontros como instalações artísticas, com cabanas, texturas sensoriais, musicalidade e muito chão. Nesse contexto performativo, o enunciado é dado em tom leve, deixando o entendimento reverberar nos corpos. Embora tudo seja bem preparado, muitas vezes os caminhos seguem uma direção própria. Ao dar início a ações e elementos numa sala de encontro, os artistas criam situações que convidam as crianças à exploração livre e autônoma. O convite se estende aos adultos, que acabam também oferecendo o suporte e segurança para essa livre exploração. Assistimos delicadamente ao processo de autonomia e conquista dos pequenos.



Fig. 1 - Arquivo PIAPI realizado na praça em frente à Casa de Cultura do Campo Limpo. Zona sul da cidade, Projeto Piloto, 2021.

Muitas vezes as proposições são feitas esteticamente com materiais dispostos no espaço, em outras horas, um convite verbal é feito pelos educadores em roda. O que ressaltamos é a eminente criação dos miúdos e pais, que escolhem participar a partir da sua própria curiosidade e do entendimento singular daquilo que podemos chamar aqui de “o que eu posso fazer com isso agora”. A entrada e a relação que se estabelece são novas. Cada um é fizado pelo seu próprio interesse pessoal: o que esse convite participativo de verdade propõe é um cocriar naquele momento do espaço-tempo. Nesse sentido, o campo de estudo da performatividade torna-se procedimento pedagógico, abrindo uma gama de possibilidades de entradas afetivas, experimentais e artísticas. Os acompanhantes e educadores entram no estado de jogo brincante para dar forma às experimentações dos pequenos como vemos no depoimento de um pai da Vila Itororó: “[É] diferente do que eu imaginava, eu venho para brincar também, eu entro na brincadeira, é um tempo meu e dele”.

Entendemos a performatividade como um campo de estudo do fazer artístico que apresenta camadas estéticas sobrepostas: uma pluralidade de narrativas, a composição de uma coautoria espectador-artista em que o autor-provocador da experiência também usufrui da sua novidade, confundindo-se os agentes no espaço tempo. Flui numa operação contínua de materialidades, por vezes efêmera, que combina-se com os corpos na relação com o ambiente, tornando-se um instante de cumplicidade úni-

ca. Trata-se de um trabalho muito semelhante aos *programas performativos* pesquisados pela artista e performer Eleonora Fabião, que trazemos aqui como uma referência no seu modo de se relacionar, para o fazer artístico do PIAPI:

Programa é motor de experimentação porque a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação psicofísica e política. [...] Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia (FABIÃO, 2013, p. 04).

As ações performativas são simples: oferecer no espaço farinha, corante colorido e água; disponibilizar talos de espinafre e beterraba para descobrir tonalidades com pés, dedos, boca e papel. Deixar os pés tocarem sua própria música e escolher os caminhos do brincar. Propostas do livre brincar e propostas direcionadas. Direcionadas à busca na deriva por rastros de bichos ou mesmo à colheita de flores e folhas de cores distintas para uma inventividade coletiva.



Fig. 2 - Arquivo PIAPI, Projeto Piloto, 2021.



Fig. 3 - Arquivo PIAPI, Projeto Piloto, 2021.

Das facetas das vivências relatadas pelos artistas em suas excursões pelo bosque, podemos ressaltar nesse trabalho o fazer como produção simbólica diferente do fazer apenas para recreação e passagem do tempo. Tratam-se de atividades bem diferentes: a primeira gera dezenas de narrativas com uma possibilidade singular de apropriação e ressignificação e a segunda, recreativa, se manifesta como uma previsão estereotipada de um processo ser alcançado ou de uma produção a ser realizada.



Fig. 4 - Arquivo PIAPI, Projeto Piloto 2021 que aconteceu no espaço da EMIA, no Parque Lina e Paulo Raia, Jabaquara, SP.

Os artistas educadores são convidados a criarem situações artísticas sem previsão de resultado certo; tanto nos fazeres direcionados quanto os de livre exploração, a composição dos efeitos será construída em processo. Os encontros não são uma oficina de produtos artísticos, mas encontros de criação efêmera do brincar que, em sua produção mais expressiva, está no corpo relacional do fazer com o outro, com famílias, crianças, espaços e artistas educadores.

Essa reflexão aproxima o fazer artístico do campo da performatividade numa sobreposição de linguagens artísticas. Há música, há teatralidade e existem materialidades visuais, mas encontramos força na hibridez dessas linguagens, e não na sua separação enquanto fazeres distintos. Hibridez essa em que dança e plasticidade se fundem na expressividade da pesquisa. Os artistas são convocados a olhar onde o olhar da criança brilha, e alimentar essa curiosidade com novos elementos. Embora fiquemos inebriados e estupefatos quando conseguimos assistir essas curiosidades emergirem, esperamos o momento certo de apresentar um novo elemento disparador de novas pesquisas, ou propor seu aprofundamento:

Quando o olhar de uma criança pausa. Pausa para respirar algo. É uma forma de se segurar o tempo, não é? Como que eu posso não atravessar esse deslumbre e aproveitar com ela o que a natureza está mostrando. Aprender, no caso, não seria a possibilidade de apreender o tempo. Escutar o tempo acontecer e perceber como lidar com ele, talvez seja nosso maior desafio com as crianças. Acho que o sinônimo da paciência é esperar. Como se pudesse segurar o tempo e deixar ele acontecer. Vamos adultando e sentimos necessidade de colocar o tempo em pressa e ocupá-lo produtivamente. Enquanto que o tempo na infância segue o ritmo do pulsar da descoberta. Aqui o voo, o pouso, as asas, o encontro e o olhar pararam no tempo. O encontro com o acontecimento do aprender (notas do caderno de campo de Melissa Panzutti, ao assistir uma criança caminhante com uma lupa nas mãos, novembro de 2021).



Fig 5 - Arquivo Melissa Panzutti, PIAPI, Projeto Piloto, 2021.

Retomamos a narrativa da mãe puérpera que, ao chegar no encontro com esses artistas,

foi recepcionada com uma bacia de água quente para pousar os seus pés. Esse escalda pés de recepção cuida de quem cuida, oferece o espaço de tempo para ela respirar e poder deixar seu pequeno aos cuidados da equipe. É nesse instante que ela se olha, e pode trocar com as outras mães suas vivências. Um convite a conviver consigo e com o outro. As estações de acolhimento, de mães e pais, dos pequenos exploradores são ninhos de práticas do sensível. Nelas, o convite é ao cuidado, e a beleza está à disposição do participante que desfruta do espaço tempo. Nossa sensação é de que precisamos criar uma redoma de proteção para que as crianças e mães consigam se soltar no tempo e pertencer ao espaço.

Seguimos para mais um café

É sobre um casal que sai com muitos apetrechos e malas de casa, para encontrar o mundo. Ao sair de casa, levam pano de boca, pano de bumbum, fraldas, roupa, tupperware com comidinhas, lenços, lençóis e cobertas. Um pequeno kit de sobrevivência para o bebê numa sacola. De fato, eles estão exaustos. Quase que se arrependem da empreitada. Mas um respiro acontece, é o momento exato em que seu olhar se encontra com o de outro casal sobrevivente. Aquele fio invisível de cumplicidade. “Nossa, eles também sobreviveram, eles superaram os primeiros meses com aquele pequeno bicho sapiens em casa, sobreviveram às madrugadas”. Agora podem, nesse encontro, saudar a existência e se reconhecerem vitoriosos. Hoje, respiraram fundo ao lado de outras famílias e mães com uma cumplicidade que só os sobreviventes pós-traumáticos reconhecem.

O programa começa a ser referência de atividades, de construções estéticas para famílias criarem suas estações de exploração em casa, no próprio trabalho ou em situações e encontros coletivos. Os pais não só participam das atividades, mas trocam vivências e ainda elaboram novas instalações para recriarem em casa, um espaço performativo lúdico para superar as novas facetas da sobrevivência. Porque com os pequenos *sapiens*, todo dia é novo e traz uma nova superação. É desse modo que o programa se percebe como formador artístico das crianças, mas atua ao ampliar o campo da inventividade dos acompanhantes que começam a elaborar novos enunciados poéticos em seu cotidiano.

O estado brincante começa a contaminar a potência de vida dos participantes, envolvendo esses pais na criação de uma infância sem excessos, com mais pausas, com silêncios e tempos ampliados. Voltamos a Krenak (2019), que propõe o exercício do silêncio. Não cabe mais usufruir só dos brinquedos plásticos com estímulos sonoros, mas explorar o contato com a natureza, a curiosidade em suas formas e transformações; a observação do tempo da natureza como referência para um processo do fazer, com o deleite do seu tempo. Como trazer a perspectiva do respeito ao tempo da criança? Tempo do ver, perceber, sentir, ter sua curiosidade e, por fim, alcançar algo do seu desejo. Nesse contexto, no trabalho com as crianças de zero a três anos, principalmente, nos cabe dar espaço a esse tempo. E aprendermos a silenciar. Um exercício do silêncio, de diminuir as expectativas, de amparar e de sustentar o espaço de reconhecimento do tempo de exploração da criança.

Nos primeiros anos de vida, nos conscientizamos dos processos que acontecem dentro e fora do nosso ser. O bebê segue organizando seu sistema nervoso anos depois do seu nascimento. O que fazemos enquanto mães e pais é dedicarmos a maior parte do nosso tempo ajudando na mediação da relação entre o interno e o externo desse ser. Conforme os pequenos se desenvolvem de forma autônoma, cuidamos de outros aspectos dessa transição. Na digestão, colocamos para arrotar. Diferenciamos a fome do cansaço. Ajudamos a descansar, inventamos inúmeras formas de ajudá-los a organizarem-se para dormir. Encontramos com eles os suportes internos para elaborar o que acontece fora. O diálogo e a negociação entre o sistema nervoso simpático e parassimpático.

Mesmo nas atividades mais direcionadas com as crianças de quatro a seis anos, em que exploramos a natureza, mergulhados nas histórias indígenas da onça e do tatu, excursionamos pelo bosque em busca de tocas ou criar casas de onça com objetos não previamente estruturados. Tudo isso nos faz compor o espaço tempo para inventividade sem um fim determinado. Nesse caso, os artistas direcionam a atividade de criação para que se alternem experimentações de exploração do “dentro” e, em outro momento, do “fora”.

Guiamo-nos pelo movimento da respiração e pela priorização de proposições que sigam o fluxo do sistema nervoso simpático e parassimpático. Ações voltadas para o mundo externo, para olhar o entorno, que geram movimentos físicos de composição com o outro e o espaço, e outras brincadeiras que se voltam para uma exploração mais silenciosa, da exploração da inventividade consigo mesmo. Nesse contexto, as práticas do sensível baseadas no processo orgânico da respiração orientam as vivências e o encontro dos pequenos exploradores com sua própria criação.

Pelo ponto de vista de Bonnie Bainbridge Cohen (2015, p. 308) o sistema nervoso “é um todo contínuo” e apresenta diversos aspectos. O que nos interessa é observar aquele a que nos referimos por simpático, sendo o que cuida da “rede de comunicação e canaliza as informações do sistema nervoso”. E por meio do qual “conduzimos e direcionamos nossos movimentos internos e os processos energéticos.” Segundo Bainbridge Cohen, “ele nos ajuda a conhecer o ambiente”. Voltado para fora, nos move para exploração exterior, para a busca pelo movimento, para a exploração do espaço guiada pela vontade e curiosidade. Já sobre o parassimpático, a autora esclarece que é “voltado para dentro. Ele é receptivo e se reflete no repouso, no relaxamento e na recuperação”.

Damos suporte e assistência aos pequenos exploradores ao mediar esses sistemas, sob a perspectiva da educação somática para a integração, onde existe uma função de apoio e uma função de movimento. A ideia é que, se obtivermos mais apoio, poderemos reconhecer a nós mesmos a partir do movimento. Compreendemos que o processo de desenvolvimento não é linear, mas ocorre em ondas circulares e sobrepostas. Para nós, é possível ajustar e oferecer esses apoios ao promover um lugar de escuta e de suporte. Nesse sentido, buscamos fazer uma leitura do momento vivido com a criança enquanto testemunhas, atuando no reconhecimento desse momento, de modo a fortalecer e dar suporte para que a criança ocupe o mundo de maneira autônoma, criando um ciclo de aprendizagem e conquista: suporte, curiosidade, desafio, superação e conquista autônoma. Se-

guindo um fluxo contínuo de desenvolvimento, oferecemos uma oportunidade de entendimento das suas relações por parte pequenos: eles e o mundo, o outro e o ambiente, respeitando-os em seu processo singular. E assim, novas histórias acontecem diante dos nossos olhos.

Mais um cafezinho...

Era uma vez um menino de riso miúdo e seu pai. O menino descobria em rolos de papel higiênico, nas tampinhas laranjas, azuis e vermelhas a cidade imaginada na sua cabeça. Junto de seu pai, criava os caminhos e as tocas que podiam abrigar os tatus da floresta. Num rompante de entusiasmo, após a escolha dos encaixes, desmontava sua construção, sem apego, num riso solto, assistido pelos olhos arregalados do seu pai. Os dois, sem tempo de explicações verbais num contrato tácito, se engajavam novamente em uma nova construção, preservando os silêncios da inventividade e as afirmações de prazer com a cumplicidade única da conquista efêmera de um novo projeto conjunto.

O que nos difere dos projetos pedagógicos educacionais para a primeiríssima infância é que nosso atendimento e ações são direcionados também para os adultos cuidadores das crianças, além de não termos uma produção a ser mostrada ou algo a ser realizado. A prática do sensível é o mote organizador dos nossos processos e não a finalidade artesanal, embora, às vezes, tenhamos alguns produtos do viver. Vemos a relação espaço, tempo e silêncio como uma chave transgressora, que nos fortalece, na forma desse exercício do fazer em sua potência teatral, dançante, plástica ou sonora. Isto é, um caráter muito mais voltado ao campo do ser em experiência e muito menos à produção de objetos artísticos. É mais um aspecto nos aproxima do campo de estudo da performatividade e dos modos e meios de produção do *performer*. Diferentes narrativas vão se encontrando num sistema de experimentações com pais e crianças.

No desejo de seguir contando mais histórias

Mais uma história antes do fim do mundo: aqui falamos de um lugar que não tinha chão para rastejante estar, um lugar inóspito para ouvidos sensíveis, e onde o olhar dos gigantes era frio e o vento fazia a curva. Num ato de encantamento

crianças em seus ninhos de nascimento criaram uma magia especial, gritando em sussurro, “nós existimos”. Numa reunião emergencial, os governantes do lugar encontraram tapetes, mudaram móveis e convocaram todos os conselheiros presentes a deixar o espaço enriquecido de sins com pequenos deleites sensoriais.

No mundo ideal, trazemos a perspectiva que o espaço é um grande educador. Buscamos alterá-lo nesse sentido, com estruturas de sins e de possibilidades, para a ocupação dos miúdos, no intuito de mudar o rumo desses invisíveis, importantes para nossa história: as mães e os pequenos caminhantes. Entendemos como nossa missão a valorização das culturas da primeira infância, favorecendo a criação de espaços de construção de afetos, reconhecimentos e descobertas, priorizando a experiência estética e o convívio como fundamento do desenvolvimento na primeira infância por meio da troca entre artistas-educadores, crianças e famílias. O programa nasceu com a delicadeza dos sussurros de sins. Mas ainda há a força dos ventos uivantes, de uma sociedade que perdeu a magia do cuidado como fortalecedora de futuro.



Fig. 6 - Arquivo PIAPI 2021 no Parque da EMIA.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019, p. 13).

O PIAPI concretiza um caminho para essa experiência de vida e uma possibilidade de contramão em relação a esse estado zumbi. Propõe a construção contínua de um ser crítico, social e culturalmente atuante; exercício esse que acreditamos ser crucial desde o nascimento, tendo como princípios a ludicidade, a experimentação, o processo criativo, as temporalidades, a interlinguagem, o pertencimen-

to, o respeito à pluralidade e a promoção da integração. O PIAPI tem seu trabalho estruturado a partir de encontros semanais com as turmas, nos quais os artistas educadores desenvolvem processos criativos coletivamente com a participação dos pais e, nesse contexto, com a potência da exploração de processos e ações performativas, seguimos criando novas metodologias de encontro.

REFERÊNCIAS

COHEN, B. Bainbridge. **Sentir perceber e Agir**. Educação somática pelo método Body-Mind Centering. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

DIEGUEZ, Ileana. Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido. **Sala Preta**, revista PPGAC ECA. São Paulo, 2009, p. 125-129.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **Revista Lume ILINK** – Núcleo interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. UNICAMP n. 4. 2013.

FERAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. **Sala Preta**, revista PPGAC ECA. São Paulo, 2009, p. 197-210.

FORTIN, Sylvie. Educação Somática: Novo ingrediente da formação prática da dança. **Cadernos do GIPE-CIT**, Salvador, , n. 2, fev. 1999, p. 40-55.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPARIC, Zeljko. **Winnicott e a ética do cuidado**. São Paulo: DWW Editorial, 2013.

MISSAGLIA, Juliana. Ética do Cuidado: duas formulações e suas objeções. In **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 6, n. 3, 2020, p. 55-67. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheres-nafilosofia/etica-do-cuidado/>. Acesso em: 24 out. 2022.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; CHUNG-SAURA, Soraia. **Les savoirs oubliés: corps, tradition et l'environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines**, Recherches & éducations [En ligne], HS | Juillet 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>.

Abstract

The following text presents some issues in the implementation of the public program of artistic initiation for early childhood in the Culture Department municipality of São Paulo, Brazil: the PIAPI (Artistic Initiation Program for the Early Childhood) – 2021/2022. We focus on reflections and narratives about the relationship of belonging to the public space in the aesthetic composition in which the presence of bodies present influences of performing actions in dialogue with somatic education.

Keywords

Early Childhood. Performative Action. Somatic Education.

Recebido em: 31 jul. 2022

Aceito em: 02 dez. 2022

Publicado em: 23 dez. 2022